

Praia, cidade partida: apropriação e representação dos espaços¹

Por Redy Wilson Lima²

Desde a revolução francesa que as cidades são vistas como espaços de democracia e de cidadania, espaços de civilização e o lugar por excelência da afirmação do espaço público (Innerarity, 2010). Actualmente, o debate sobre o impacto da globalização económica e cultural nas cidades leva-nos a pensá-las como uma organização espacial fragmentada, onde grupos dominantes controlam a maioria dominada através da gestão planificada e privatização dos espaços a partir de políticas “excluidoras”.

Procuramos expor neste artigo as implicações sociais que as estruturas sociais dualizadas podem trazer às sociedades – à sociedade praiense, analisando as práticas de ocupação dos territórios urbanos e a sua relação com o surgimento de comportamento grupal juvenil delinquente, bem como as representações dos bairros para os seus jovens, sentido como um espaço comunitário de convivialidade e aprendizagem e da Cidade da Praia, espaço urbano em transformação, marcado pela emergência de uma nova ordem sócio-espacial, assente na desigualdade social e pobreza urbana. Instigamos, também, uma reflexão sobre as repercussões que uma possível substituição do modelo sócio-espacial da cidade *morabeza*, um lugar de integração (Innerarity, 2010), caracterizada por mecanismos dissimuladores de distâncias sociais, pelo modelo sócio-espacial da “cidade partida”³ (Ventura, 1994), assinalada pela segregação espacial, agregação selectiva, onde vigora a lei do mais forte, lugar em que a violência – física e/ou simbólica – nos é apresentada como a forma de relação social por excelência.

Para isto, construiremos o texto a partir da ideia que vivemos numa sociedade marcadamente desigual, onde a pobreza urbana está em crescimento e em processo de territorialização à margem dos vários centros emergentes e em construção, criando nichos urbanos estigmatizados e criminalizados, levando uma parte dos seus habitantes,

¹ Este artigo apresenta uma primeira reflexão sobre a apropriação, organização e representação de espaços na Cidade da Praia e advém de um trabalho de maior escala iniciada em Julho de 2006 sobre os comportamentos das crianças e jovens marginalizados na Cidade da Praia.

² Professor/Investigador da Universidade de Santiago – Centro de Pesquisa e Estudos Avançados – e do Instituto Superior das Ciências Jurídicas e Sociais.

³ Conceito criado por Zuenir Ventura no livro publicado em 1994 intitulado “Cidade Partida”, onde considera a cidade de Rio de Janeiro como uma cidade fragmentada em dois mundos, o que dificulta o exercício da cidadania, diferente daquela visão romântica e nostálgica do Rio de ontem – cidade cordial.

especialmente os jovens, a enveredar por caminhos da delinquência como forma sobrevivência social e económica por um lado e de revolta por outro.

Praia urbana: desigualdade social, pobreza e desafiliação

Falar de desigualdades sociais é falar de uma distribuição deficiente de acessos e bens, serviços ou oportunidades, cuja raiz explicativa se encontra nos próprios mecanismos da sociedade (Carvalho Ferreira e outros, 1995). Ela é-nos apresentada na literatura sociológica como uma disparidade socialmente condicionada no acesso aos recursos existentes numa dada sociedade. Os grupos dominantes na tentativa de preservarem o seu domínio físico e simbólico associam-se, utilizando estratégias baseadas na violência simbólica, legitimadas pelos capitais económicos e sociais possuídos.

Olhando para o espaço social cabo-verdiano deparamos com um país desigual em que o Índice de Gini⁴ aumentou de 0,43 em 1989 para 0.59 em 2002. Os dados preliminares do recenseamento geral da população e da habitação 2010 apresentados pelo Instituto Nacional de Estatísticas (INE) aponta para uma disparidade residencial entre a cidade e o campo, na medida em que, no meio urbano estima-se que residam cerca de 62% da população total⁵ contra cerca de 38% residentes no meio rural.

O êxodo rural em Cabo Verde teve um enorme crescimento nos anos de 1990 com a democratização do país e a opção por uma estratégia de crescimento baseada no sector privado, privilegiando investimentos estrangeiros sem ficar claro as contrapartidas sociais destes. A Cidade da Praia – centro económico e administrativo do arquipélago – ganha uma maior atractividade e é invadida, num primeiro momento, por migrantes rurais e mais tarde por imigrantes da Costa Ocidental Africana com a presunção de fazer de Cabo Verde o trampolim para o *El Dorado* do Norte – Europa ou Estados Unidos da América. Não tendo recursos, apropriaram-se de espaços baldios nas encostas e ribeiras, dentro e nos limites da cidade, em condições, muitas vezes, bastante precárias.

Segundo Innerarity (2010), já lá vão alguns anos em que as cidades vêm passando por um processo de crescimento que não correspondem aos ideais da integração social, espacial e cultural, tornando obsoleta a noção tradicional de cidade. No século XIX, as

⁴ O Índice de Gini indica o grau de desigualdade na distribuição dos rendimentos (ou do consumo) no seio duma população. Vai de 0 a 1 e tende para 1 quando as distribuições são muito desiguais e para 0 quando são menos.

⁵ Estimado em cerca de 491.575 habitantes.

cidades densamente construídas eram cidades densamente habitadas em que havia densas relações comunicativas (Innerarity, 2010).

A Cidade da Praia, geograficamente voltada para o mar, foi pensada e construída a partir do seu cais, porta de entrada e saída de mercadorias, tido como a infra-estrutura fundamental para o desenvolvimento comercial da ilha de Santiago e do país (Évora, 2009). Deu-se, a partir do final dos anos de 1980, na Cidade da Praia, o mesmo processo acontecido ao longo do século XX nas cidades ocidentais, a periferização espacial, devido, por um lado, às migrações internas anteriormente referidas e por outro lado, devido à desterritorialização do comércio e serviços públicos para bairros emergentes, bem como a desterritorialização da elite para bairros emergentes tais como Praínha, Terra Branca, na zona dos Prédios IFH⁶ na Achada Santo António, estendendo até Meio da Achada, Palmarejo e Achada São Filipe.

O Plateau, centro à volta do qual a cidade se expandiu no passado, deixou de ser o único centro da cidade para se tornar num objecto de nostalgia sujeito à museificação (Innerarity, 2010), embora, ainda guarde vestígios simbólicos de centralidade, não obstante a descentralização gradual dos serviços públicos e privados para os bairros emergentes. A cidade vista como um espaço homogéneo dissolve-se com o crescimento urbano e a tendência é a segregação social e funcional e a homogeneização de grupos, de acordo com os recursos económicos e estilos de vida (Innerarity, 2010). Actualmente, constata-se nas cidades uma configuração de grupos em unidades homogéneas e diferenciadas, sem relação entre si, onde dificilmente se realiza coexistência dos diferentes (Innerarity, 2010). Reparou-se na Cidade da Praia esta tendência. Sendo verdade que constatamos nos bairros da capital do país descontinuidades nos padrões de ocupação espacial⁷, é forçoso afirmar que, também, reparamos um aglomerado urbano com vários centros e várias periferias, onde a vida acontece a partir da circulação periferias/centros, tendo em conta que os principais centros da cidade dependem em grande parte da mão-de-obra periférica e vice-versa.

Verifica-se uma reprodução da realidade histórica sobrado/funco descrita por Gabriel Mariano (1991), considerando os sobrados⁸ os centros acima relatados e os futuros

⁶ Imobiliária, Fundiária e Habitat, S.A.

⁷ A sociologia urbana tende a caracterizar as cidades a partir do modelo de expansão urbana onde a população popular é posta na periferia, mas, no caso praiense, reparamos que ainda não existe uma segregação urbana nitidamente marcada apesar que encaminhamos para esta realidade. O que se nota na maioria dos bairros, é, em um mesmo bairro, espaços que abrigam extremos de pobreza e riqueza, onde se concentra uma enorme diversidade de modos de vida, discursos e práticas.

⁸ Casas senhoriais faustosas onde os senhores da terra viviam com os seus familiares.

resorts e bairros construídos para os grupos dominantes projectados para o futuro e os *funcos*⁹ os bairros espontâneos construídos à volta, em terrenos apropriados pela classe dominada sem recursos económicos. Quer isto dizer que tomamos os sobrados/bairros centrais enquanto espaços identitários e de reprodução dos grupos dominantes e os *funcos*/bairros periféricos enquanto espaços identitários e de reprodução dos grupos dominados.

Pegando no conceito da pobreza, a Organização das Nações Unidas segundo Proença (2009), caracteriza a pobreza global como insuficiência de rendimentos e recursos produtivos que garantam condições de vida sustentáveis, pouco ou nenhum acesso à educação e outros serviços primordiais, ausência ou precariedade habitacional, ambientes inseguros e discriminação social e exclusão, dificuldade participativa em tomadas de decisão e na vida civil, social e cultural. A União Europeia visando dar conta de todas as situações da pobreza adopta em 1984 uma definição multi-dimensional da pobreza, considerando pobres “pessoas, famílias e grupos de pessoas cujos recursos (materiais, culturais e sociais) são tão limitados que os excluem do nível de vida minimamente aceitável do Estado membro onde residem” (Proença, 2009: 16).

Consultando o Documento de Estratégia de Crescimento e de Redução da Pobreza (DECRP) de 2004, reparamos que, não obstante o elevado ritmo de crescimento económico dos anos de 1990, cerca de 8,4% de média anual, a proporção dos pobres na população aumentou de 30% para 37% e a de muitos pobres cresceu de 14% para 20%. Tendo em conta os dados do INE (2002), dos 37% da população a viver no limiar da pobreza, 20% reside na Cidade da Praia, transformando a pobreza num fenómeno urbano, fruto do êxodo rural e migrações inter-ilhas que se verificou com maior intensidade nos anos de 1990. A extrema pobreza (muitos pobres) urbana, similarmente, cresceu rapidamente e pelos dados do INE (2000), pode-se ver que aumentou nesse mesmo período de 7% para 12%.

A exclusão social por ser um conceito um pouco ambíguo e analiticamente limitador, propomos o conceito casteliano de *desafiliação* (2006) para designar grupos de indivíduos separados de seus atributos colectivos, entregues a si próprios, acumulando desvantagens sociais: pobreza, desemprego, sociabilidade restrita, condições precárias de habitação, grande exposição a todos os riscos da existência, etc. Em suma, entregues à condição de vulnerabilidade – económica e social (Lima, 2010). Com esta designação

⁹ Tipo de habitação humilde e rudimentar habitado anteriormente pelos escravos e pessoas mais pobres, mais especificamente no período colonial.

não estamos a declarar que esses grupos estão completamente desligados do social, mas sim que, não obstante se encontrarem num processo de descolectivização social, associam-se a outros grupos na mesma condição social, recolectivizando-se no bairro à margem das convenções sociais. Tomamos os bairros periféricos como espaços desafiados que, embora aparentemente disfuncionais, são úteis para a funcionalidade dos bairros residenciais que circundam.

“Baxu Praia”: os subúrbios e os suburbanos no imaginário riba-praiense

À data da independência do país, a Cidade da Praia era uma cidade dualizada em que o Plateau – “riba Praia” – representava o centro administrativo, político e de poder, onde habitava, sobretudo, a elite¹⁰ descendente, em parte, da categoria dos antigos brancos da terra descrita por Carreira (1984 [1977]) e os restantes bairros circundantes – “baxu Praia” – representavam a margem, onde se acomodavam gerações de populações migradas ao longo do século XX. Apesar do discurso socialista/comunista do primeiro governo pós-colonial baseado na planificação social e económica centralizada com a finalidade de se atingir um bem-estar comum fundado nos princípios contemporâneos - igualdade, liberdade e fraternidade - na prática, acabou-se por reproduzir a segregação espacial e social historicamente instituída pelos modos de produção escravocrata e colonialista.

A apropriação residencial do espaço central – Plateau – da cidade pelos governantes de então – espaço simbólico de poder colonial – visava reproduzir uma hegemonia política e conservar um capital simbólico – distinção – através da ocupação de um espaço historicamente dominante.

Analisando o discurso quotidiano dos residentes mais antigos do Plateau notamos que, normalmente, há uma associação identitária dos espaços que o circundam – subúrbios – com uma categoria escravocrata e colonialmente estigmatizada – os badios. Tal como mostrou Varela (2010), as tensões centro/periferia na sociedade cabo-verdiana sempre tiveram o âmago na relação branco/negro através de um discurso normativo e discriminatório traduzido na prática pelo antigo sistema escravocrata no relegar do tipo negro, mestiço, cabo-verdiano para a margem, para a periferia. Este autor defende a tese de que o fim do sistema escravocrata, longe de pôr fim a esta produção simbólica de

¹⁰ Famílias latifundiárias, antigos administradores coloniais e intelectuais.

dominação com base na raça, o homem novo, ensombrado pela configuração anterior, continuou a ser analisado a partir do outro. “O escravo violento, porque resistente, dá lugar ao mulato rebelde a partir do qual se cria a categoria badio com estigmas e conotações adversas” (Varela, 2010).

Assiste-se, ainda hoje, um discurso assente em características gentílicas estereotipadas quando se fala dos suburbanos e dos subúrbios. Expressões como gentinhas¹¹ ou gentios de Guiné¹² são usuais no universo comunicativo dos residentes mais antigos do espaço social central – Plateau – e hoje ganham novas roupagens¹³. O subúrbio – “baxu Praia” – era aquele espaço onde se concentrava o badio – gente selvagem, sem modos, não ocidentalizados – que punha em causa as normas e os bons costumes dos praienses. De acordo com Fernandes (2006), alguns intelectuais cabo-verdianos agarrados ao colonialismo tentaram afastar Cabo Verde do continente negro, esforçando uma aproximação à Europa, tendo resultado dessa dinâmica “não apenas o encobrimento das supostas heranças africanas da cultura cabo-verdiana mas também a busca de sólidas bases culturais que legitimassem a pretensão de fazer coincidir culturalmente colonizador e colonizado” (Fernandes, 2006: 168). Desse exercício, segundo este autor, sai a diferenciação horizontal entre indivíduos e grupos homogeneizados pela sua condição sócio-política – assimilados *versus* badios. Esta lógica impõe-se quando analisamos as estratégias distintivas dos de “riba Praia” em relação aos de “baxu Praia”, em que os primeiros tentam impor, através de lutas simbólicas de classificações, a sua visão do mundo social baseada em princípios de di-visão (Bourdieu, 2010 {1989}). Estamos, portanto, perante uma reprodução de um discurso normativo e discriminatório transferido geracionalmente por uma espécie de *habitus* que subalterniza¹⁴ os não residentes do “riba Praia”. As gentes de “baxu Praia”, interiorizando este discurso e

¹¹ Expressão depreciativa utilizada pelos residentes de “riba Praia” para designar os habitantes dos subúrbios, que quer dizer gente coitada com a mania de superioridade por frequentarem os espaços da suposta elite. É de salientar que esta expressão tem o mesmo significado com o “borda kafé” utilizado actualmente pelos jovens da classe dominante como forma de distinção na preservação do *status* de classe.

¹² Expressão depreciativa utilizada pelos residentes de “riba Praia” para designar pessoas negras ou com descendência guineense – descendentes de escravos - africanos.

¹³ Se para os jovens pertencentes à classe dominante os jovens “sem berço” são designados “borda kafé” para os jovens periféricos, os considerados da elite ou residentes em espaços centrais são denominados “kopu leti”.

¹⁴ Anos antes da independência nacional, o então responsável político da Metrópole na Cidade da Praia numa tentativa de encurtar as assimetrias sociais e escolares entre os de “riba Praia” e os de “baxu Praia”, decretou que a escola primária do Plateau – Escola Grande – recebesse alunos que não residiam nesse bairro. Como forma de protesto por esta possível mistura, os miúdos de “riba Praia” incentivados pelos pais, boicotaram as aulas por considerarem esta deliberação governativa um ultraje.

praxis estigmatizante, percebidos como naturais, agem de forma subalterna em relação a essas outras gentes tidas como superiores. Poder-se-á afirmar que ao lado da diferenciação horizontal de que fala Fernandes (2006), mobilizando o discurso para o campo das relações sócio-espaciais da Cidade da Praia, reproduziu-se também uma diferenciação vertical¹⁵ sócio-espacial, que com o passar do tempo, começa a ser rejeitada pelos jovens residentes nos bairros periféricos socialmente mais afastados, que numa atitude de revolução simbólica contra a dominação simbólica (Bourdieu, 2001 [1989]), através da inversão dos valores que os constitui como estigmas, tentam impor novos princípios de di-visão, definindo o mundo social de acordo com os seus princípios. Na prática, dá-se uma reapropriação colectiva da identidade, antes estigmatizada, por meio da sua sobrevalorização que se inicia pela reivindicação pública do estigma, construído assim como emblema – segundo o paradigma de que os jovens do *ghetto* são mais *cool* que os “kopu leti” – e que termina na institucionalização positiva desse estigma.

- **Tendências actuais**

As migrações do interior da ilha para a cidade capital devido à pobreza do mundo rural, abandonado durante décadas pelo poder central - colonial e nacional -, os badios¹⁶, ao territorializarem espaços circundantes da Cidade da Praia¹⁷, em grande escala nos anos de 1990, reavivaram os espectros da dominação do passado escravocrata e colonial em novos moldes: civilizado, praiense, urbano *versus* bárbaro, badio, suburbano¹⁸.

Os espaços arredores da cidade – terras agrícolas ou terrenos sem uso – apropriados por migrantes em busca de uma vida melhor, numa capital em desenvolvimento económico, consequente das políticas liberais ou semi-liberais pós-partido único, transformaram a cidade numa aglomeração peri-urbana. Este fenómeno de peri-urbanização da capital, por não ter sido planificado e controlado, trouxe significativas transformações na

¹⁵ Fernandes fala de desdiferenciação vertical para dar conta da tentativa de busca de similaridades entre grupos político e socialmente diferenciados, designadamente entre a elite das ilhas e os metropolitanos portugueses. Sobre este assunto ver Fernandes, 2006, pp. 168.

¹⁶ Nome dado aos escravos após a fuga da Cidade Velha, reduto simbólico da dominação escravocrata portuguesa em Cabo Verde para as montanhas do norte.

¹⁷ O facto de nos dias de hoje o Plateau ser, ainda, designado Praia, mostra até que ponto existe ainda resquícios simbólicos dessa dominação.

¹⁸ Convém realçar que se num primeiro momento esta ideia era dominante, com a apropriação destes espaços por migrantes de outras ilhas, o termo badio generaliza-se, passando a designar toda a população natural da ilha de Santiago, negligenciando desta forma o seu carácter cultural, se bem que no jogo da luta simbólica identitária alguns praienses criaram a categoria “badio di Praia” em oposição ao “badio di fora” que carrega o estigma do passado.

estrutura espacial e social. Torna-se forçoso realçar que ao contrário do acontecido em outras cidades capitais africanas, como por exemplo Luanda e Maputo, em que a periurbanização da cidade penetrou os interstícios da “cidade de cimento” (Raposo e Salvador, 2007), aqui, não obstante este avanço rumo ao centro, as características topográficas do centro - Plateau - acabou por ditar a sua não invasão¹⁹. No entanto, a disputa territorial determinada pela necessidade de espaços, quase todos privatizados ou em processo de privatização, das populações suburbanas e das elites urbanas, somada à especulação imobiliária iniciada na segunda metade dos anos de 1990 com a criação dos ZDTI's²⁰, o anunciado projecto “Santiago Golfo Resort”, ainda por construir, e a territorialização dos grupos dominantes, comércio e serviços para os bairros emergentes tidos como “chiques”, a ocupação espacial e a suburbanização da cidade entrou num novo ciclo. A cidade ganha novos centros – descentralização do Plateau – e consequentemente novas periferias, como referido anteriormente, acentuando a dualidade centros/periferias. Temos então, na actual configuração espacial praiense, as zonas urbanizadas modernas com características ocidentais, com predominância de condomínios semi-luxuosos e vivendas circundados por bairros periféricos habitados pela população desprovida de recursos em espaços caracterizados pela extrema pobreza, onde carências de serviços sociais e de infra-estruturas urbanas fazem-se sentir expressivamente.

Os bairros pobres emergentes e historicamente estigmatizados, onde residem populações que acumulam várias dimensões de pobreza, são por nós designados como espaços de desafiliação. Se é verdade que ao debruçarmos sobre o percurso evolutivo da Cidade da Praia, constatamos alterações positivas ao nível sócio-económico e sócio-demográfico, ao nível da desigualdade social, constatamos um enorme fosso entre os que têm muito e os que nada têm.

- **Cidade *morabeza* versus cidade partida**

A literatura cabo-verdiana eternizou o conceito *morabeza*, entendida como uma categoria cultural essencial para a manutenção da colectividade cabo-verdiana. É tida como aquilo que melhor caracteriza e identifica o cabo-verdiano – cordial, hospitaleiro, solidário, urbano, cosmopolita, democrático, etc. Pina (2006) chama a atenção para o

¹⁹ O Plateau encontra-se num planalto, do nome original Planalto da Boa Esperança, constituído por rochas de difícil edificação residencial.

²⁰ Zona de Desenvolvimento do Turismo Integrado.

papel do modelo claridoso na definição deste conceito, considerado por ele como “uma espécie de cordialidade crioula, que induz haver [...] uma marcante disposição psicológica democrática naquela cultura” (Pina, 2006: 75). O conceito *morabeza* é, por conseguinte, segundo este autor, encarado na auto-imagem, intelectual e popular, caboverdiana como “uma espécie da essência espiritual do insular” (Pina, 2006: 77), que dota este povo de uma singularidade *sui generis* no que toca à convivência social²¹ herdado da miscigenada cultura e hibridez do arquipélago.

A existência de uma cultura de violência historicamente legitimada no país (Lima, 2010) e (Varela, 2010) e a existência de históricas tensões sociais entre os de “riba Praia” e os de “baxu Praia”, desterritorializadas agora para os novos centros emergentes e reapropriadas pelos jovens – “kopu leti” *versus* os jovens do *ghetto* –, fazem com que, ao contrário dos que propalam a máxima de sermos o país da *morabeza* e de brandos costumes, na verdade, a Cidade da Praia não se afigura como uma cidade *morabeza*, mas sim como uma cidade partida, marcada pela distância espacial e social entre os seus membros.

Os acontecimentos que assolaram a capital do país entre os finais dos anos de 1990 e os anos de 2000 criaram uma tendência em idealizar a vida citadina passada como a ideal diante de um presente hostil e violento. Uma análise diacrónica sobre a Cidade da Praia mostra-nos que desde a sua criação, tensões e conflitos estavam acumulados, mas eram prudentemente controlados, primeiramente pelo aparelho repressor e alienador colonial e posteriormente pelo aparelho repressor e alienador socialista/comunista. Era eminente a explosão dessa situação, e que acabaria, como se verificou, com o aguçar das desigualdades sociais nos anos de 1990, intensificadas nos anos de 2000. Com isto queremos dizer, como esboçamos anteriormente, que já existiam, na verdade, “duas cidades” ou como a chama Zuenir (1994) referindo à cidade do Rio de Janeiro, uma “cidade partida”. Uma cidade que, não obstante a desigualdade, a injustiça social e os estigmas existentes, havia uma convivência amena e obediência civil, conseguidas através de mecanismos de controlo. Os pobres e os desprovidos de capitais²² aceitavam a sua condição social de dominado, tomada como fatalidades da vida.

O crescimento económico desigual verificado em Cabo Verde a partir dos anos de 1990, acompanhado pelo crescimento de uma economia subterrânea rentável, trouxe à

²¹ Sobre este assunto ver Pina, 2006, pp. 73-90.

²² Falamos dos capitais propostos por Bourdieu (2001 [1994]) – capital económico, cultural, social, simbólico e político, embora este último não foi muito explorado por este autor.

sociedade praiense uma cultura de consumo espelhada em estilos de vida exuberantes, despoletando nas populações aspirações maiores do que as suas possibilidades reais, levando os agentes desprovidos de recursos a não aceitar a condição social dos seus antepassados. Se por um lado, a educação aparece como um meio pelo qual se pode atingir uma mobilidade ascendente, aqueles que por este caminho não conseguiam lá chegar, ora por não se aplicar ora porque a inexistência/insuficiência do capital cultural familiar dificulta a sua integração num meio destinado a grupos com determinadas capacidades, optam por meios ilícitos – moralmente criminalizados mas socialmente aceites – aproveitando as margens deixadas pelo sistema, transformando-se em inovadores²³ (Merton, 1970). O facto de se dar uma excessiva importância a certas metas de sucesso – riqueza acumulada tida como o expoente máximo dos valores desejados –, torna-se natural que todos os que fazem parte dessa sociedade se sintam estimulados a atingir tal meta, isto porque, a riqueza simboliza um elevado *status* social (Lima, 2010).

A expansão urbana da cidade fruto das migrações internas derivadas da exclusão do meio rural e das ilhas periféricas leva à segregação espacial – reforça as segregações do passado –, segregação essa que se constitui como um mecanismo específico de reprodução de desigualdades e das oportunidades das populações em situação de desvantagem social. Os grupos acantonados em recortes espaciais estigmatizados constituem-se a outra cidade, vistos pela maioria da população residente nos centros, como um lugar apocalíptico habitado por pessoas com costumes bizarros, mergulhados numa pobreza geracional, pouco amigos do trabalho, inseridos em famílias desestruturadas, onde proliferam doenças e marginais. Esta imagem do exterior é uma classificação que associa às populações dessa outra cidade uma identidade cultural determinada que funciona como estigma social que lhes é atribuído de forma negativa, desviante dos padrões culturais dominantes (Lima, 2010).

Bairro, *ghetto*, identidade, estigma e delinquência

O bairro da Achada Grande Trás²⁴ está localizado no interstício do antigo Aeroporto da Praia e do Porto da Praia, e é bem conhecido pelos jovens praienses pelo reduto

²³ Merton apresenta cinco tipos de adaptação possível face aos valores desejados numa sociedade em que a desigualdade perdura: conformismo, inovação, ritualismo, rejeição e rebelião.

²⁴ Desenvolvemos desde Abril último uma investigação etnográfica sobre a forma como os jovens desse bairro se reorganizam perante as adversidades sociais a que estão sujeitos.

paradisíaco da Praia do Portinho, uma das praias de mar mais frequentadas aos fins-de-semana para passeios. Trata-se de uma localidade inicialmente rural que sofreu o processo de peri-urbanização nos anos de 1990 com a expansão da cidade – idealizado este espaço como um futuro nicho industrial da cidade²⁵ – e a edificação de um bairro social que recebesse populações sem recursos provenientes de outros bairros da capital. Posteriormente, as populações recém-chegadas à cidade – rurais ou migrantes de outras ilhas e da Costa Ocidental Africana – começaram a integrar-se ali transformando-o naquilo que Rémy e Voyé (1994) chamaram de “bairros ou comunidades de transição”. É notório que a expansão da Cidade da Praia foi feita a partir da apropriação de espaços limítrofes a edificações mais ou menos urbanizadas ou históricas, quer sejam elas centrais ou periféricas. Nesta zona peri-urbana, este fenómeno resultou na edificação de um bairro ilegal denominado Marrocos²⁶. Na primeira metade dos anos de 2000, enraizado na filosofia de desenvolvimento turístico e empresarial, surge um projecto imobiliário moderno, ambicioso e inovador, ainda por construir, – Ponta Bicuda – com vista a enobrecer aquele espaço.

Um diagnóstico social elaborado pela ACRIDES²⁷ e conduzido pelo arquitecto Almeida (2009), dá-nos conta de um bairro socialmente mais ou menos organizado, com uma associação comunitária activa que tem procurado minimizar os problemas existentes, buscando junto a entidades públicas e privados apoios institucionais para a implementação de projectos de intervenção. Segundo este documento, os maiores problemas com que a comunidade se depara são: questões da insegurança, com algumas queixas contra a polícia; falta de um Centro Comunitário ou Multi-uso que poderia resolver os problemas de ocupação dos tempos livres dos jovens; criação de infra-estruturas de acesso à comunidade que poderia minimizar o custo das deslocações centro/periferia; necessidade urgente de acções de formação dos jovens e chefes de família, preparando-os para uma melhor integração no mercado de trabalho; existência de uma casa de prostituição e uma prática recorrente de recepção de produtos oriundos de furtos e assaltos²⁸; pequeno narcotráfico; atentados ambientais e sociais com a

²⁵ Na Achada Grande Frente e na Achada Grande Trás estão localizadas importantes armazéns comerciais que servem a cidade.

²⁶ Nenhum dos residentes por nós contactados soube explicar-nos a origem do nome. É usual baptizar-se bairros com nomes de países ou cidades como por exemplo, Jamaica, Chechénia, Brasil ou São Paulo.

²⁷ Associação de Crianças Desfavorecidas.

²⁸ Numa outra investigação etnográfica por nós realizado sobre os modos de vida das crianças em situação de rua, mais concretamente os comumente chamados de crianças de rua, mapeamos o itinerário do contrabando de produtos roubados no Porto da Praia que passam por esta zona, segundo

transformação das imediações do bairro em lixeiras de produtos comerciais e de construção civil; e o abandono dos equipamentos escolares e sociais por parte do Governo e da equipa camarária.

Portanto, falamos de um bairro marcado por um isolamento social, o que faz com que a sua população reinvente novas formas de integração – alternativas – consideradas muitas vezes como ilícitas. A comunicação social, especialmente a televisão pública, tem dado voz a esta população, sistematicamente massacrada por sucessivos cortes no abastecimento de água e de energia eléctrica, trazendo avultados prejuízos a quem tão pouco tem.

Há no bairro uma consciência colectiva e um sentimento de revolta, especialmente no seio dos jovens, contra as autoridades públicas. Esta consciência – ser do bairro – deve-se à existência na configuração mental dos jovens a noção de lugar (Menezes (2002), interiorizada através do *habitus*, que lhes atribuem uma identidade colectiva, ao mesmo tempo estigmatizada e portadora de um certo orgulho de pertença. O sentimento de revolta subsequente da situação de marginalidade em que se encontram activa o estigma quando estão fora do bairro – lugares exteriores que são percebidos como lugares estranhos –, principalmente, quando se encontram em espaços centrais da cidade no seio de outros grupos. Em Maio último, na 8ª Edição do Festival de Hip Hop Konsienti, realizado pelo grupo informal Djuntarti no Centro Cultural Francês (CCF), situado no espaço nobre da cidade – Plateau –, pudemos *in loco* observar o comportamento de alguns jovens desafiados deste bairro, pouco acostumados a convivência com habitantes de certos espaços tidos como “kopu leti” ou “borda kafe”, ainda mais num espaço alheio simbolicamente discriminador. A circulação dentro do espaço foi sempre em grupo, individualmente tensos, desconfiados e preparados para o que der e vier, atitudes derivadas da moldura que o *habitus* de bairro reproduz na estrutura mental desses jovens. No final, à medida que nos aproximávamos dos seus bairros de residência, o sentimento de alívio e de estar de volta à casa foi crescendo e a valorização do espaço através de adjectivos favoráveis e atribuidores de confiança torna-se numa constante em comparação com outros bairros considerados por eles inferiores. Reparamos que existe uma tendência em se auto-intitular em habitantes do *ghetto*, destacando as solidariedades e convivência ali existentes em contraposição ao

relatos das crianças conhecidas como *mininus de pé di rotxa*, que actuavam nas imediações desse Porto, controlados, em parte, por criminosos adultos e grupos de jovens delinquentes – *thugs* – da ponta da Achada Grande Frente.

individualismo e calculismo dos centros habitados por “kopu leti”. É forçoso salientar que, ultimamente, os jovens da periferia têm apropriado o termo *di ghetto*²⁹, quanto a nós, numa tentativa estratégica identitária de tornar o estigma de grupo em algo positivo.

Wacquant (2004) mostra a diferença conceptual entre *ghetto* – utilizado para se referir a residências de judeus europeus nos portos do atlântico – e *slum*³⁰ – enquanto área de moradia precária e de patologia social. O termo *ghetto* expandiu-se e passou a incluir, nos Estados Unidos da América, todas as áreas urbanas onde migrantes tidos como exóticos juntavam-se, mais concretamente, imigrantes pobres do sudoeste europeu e afro-americanos deslocados dos Estados do sul. Face à preocupação da classe dominante com relação à assimilação desses grupos ao padrão anglo-saxónico predominante no país, o termo passou a referia-se, no contexto norte-americano, “à intersecção entre bairros étnicos e *slums*, em que a segregação juntava-se ao abandono físico e à superpopulação, exacerbando assim males urbanos como a criminalidade, a desintegração familiar, a pobreza e a falta de participação na vida nacional” (Wacquant, 2004: 156). Este autor lembra que o termo ganha autoridade científica com o paradigma ecológico da Escola de Chicago pela mão de Louis Wirth, mas desaconselha a sua utilização indiscriminada pelas ciências sociais em outros contextos com dinâmicas histórias, espaciais e sociais completamente diferentes.

No caso cabo-verdiano, o termo é importado da cultura hiphopiana norte-americana e apropriado e incorporado no universo linguístico cabo-verdiano, querendo designar todo o espaço periférico. É de realçar que o termo foi, também, erradamente apropriado por alguns intelectuais, académicos e universitários na tentativa de explicar algumas dinâmicas da cidade.

O surgimento de grupos de jovens nestes espaços com comportamentos delinquentes, auto e hetero-proclamados *thugs*³¹, considerados por Lima (2010) como tribos urbanas aportadas em reorganizações sociais resultantes da individualização social numa sociedade com características híbridas, pode ser explicado pela necessidade reivindicativa desses jovens em mostrarem-se presentes numa sociedade que os têm marginalizado e estigmatizado.

²⁹ Popularizado pelos MC's periféricos.

³⁰ Palavra utilizada para descrever uma área de dilapidação imobiliária, que por extensão, tende a designar uma vizinhança de má reputação e indesejável. Como se designa os bairros de lata em Mumbai, Índia.

³¹ Sobre este assunto ver Lima, 2010, pp. 191-220.

De acordo com Bordonaro (2010), os jovens criminosos cabo-verdianos não se envolvem no crime ou se tornam usuários de drogas para satisfazer as suas necessidades básicas ou esquecer a sua realidade e os seus problemas do quotidiano. A razão dessa escolha é para este autor mais do que isso, tanto o crime, como a violência e os flashes de drogas “são instrumentos para aumentar o seu poder, a sua pertença social, para ampliar o seu *self* e proclamar a sua identidade” (Bordonaro, 2010: 177). É no seu entender uma forma de empoderamento (social, pessoal e económico) ambicionado e que de outra forma dificilmente conseguiam-no, visto se encontrarem impregnados na estrutura da segregação e da marginalização que os aprisiona. O crime aparece como uma estratégia de sobrevivência social e pessoal a um destino que querem a todo o custo contornar.

O recorte espacial do bairro aparece como o último reduto onde a cultura de rua é interiorizada. O bairro funciona no entender de Bourgois (2001) como um fórum alternativo onde a dignidade pessoal autónoma é afirmada, fórum esse potenciador do reinventar e/ou reajustar de valores e ideologias novas em oposição à exclusão promovida pelos grupos dominantes. O sentimento de revolta é aqui socializado, dotando o grupo de uma consciência colectiva, sempre em oposição ao outro, à volta da qual o novo estilo de vida se cria e solidifica. Os inimigos declarados são os polícias, entendidos como a força repressora do sistema; os políticos, culpados pela sua situação social devido a anos de abandono; e os agentes providos de capital.

Foi percebido que o tipo de violência utilizado pelos jovens nesse bairro é aquilo que Cusson (2007) chama de violência como defesa³², que pode ser utilizada por antecipação precavendo-se de um ataque futuro – utilizado contra os grupos rivais³³. –;

³² Com isto não queremos dizer que é apenas este tipo de violência existente no bairro. Numa investigação anterior, com um universo maior, pudemos a partir de observações e conversas informais com os jovens delinquentes, tipificar mais quatro formas de violência e delinquência perpetuados por grupos com essas características na Cidade da Praia: violência gratuita ou como lazer; violência como forma de legitimação de poder; violência como factor de moda; e violência como forma de obter dinheiro.

³³ No bairro urbanizado observou-se cinco grupos juvenis, que de uma ou outra forma, estão ligados à delinquência, formados a partir de grupos *gangsta rap*: The Wolf Gang, Bagdah, Lost, T-Boston e Detroit. Os maiores grupos rivais são os grupos de Marrocos – On Fire –, e da Achada Baixo – New Gangster ou New G. Fora do bairro, os inimigos são o grupo Boston da Achada Grande Frente e o grupo Karaka de Lém Ferreira. Convém salientar que a divergência entre os grupos The Wolf Gang e Karaka deveu-se a “bifes” pessoais entre os MC’s principais destes grupos, antes grupos de *rap* – caso do Wolf Gang. Karaka continua a ser um grupo de *rap*. A incorporação nesses grupos dos amigos dos MC’s, em parte como protecção deles, transformou-se o que era antes simples trocas ofensivas e discriminatórias de palavras, em guerras urbanas.

por vingança, como forma de reparar um mal causado – contra a polícia, grupos rivais e pessoas que de alguma forma, na percepção deles, tenham contribuído para a situação social em que se encontram –; ou como reacção – sobretudo contra a polícia e grupos rivais.

Bibliografia

Almeida, Helder (2009), *Diagnóstico social da comunidade de São Tomé e dos bairros Achada Grande e Achada Grande Trás – Plano de Desenvolvimento Integrado*, Praia, ACRIDES

Balsa, Casimiro (2006), “Espaço e exclusão, espaços de exclusão”, em Casimiro Balsa (org.), *Relações sociais de espaço*, Lisboa, Edições Colibri, pp. 13-33

Bordonaro, Lorenzo I. (2010), “Semântica da violência juvenil e repressão policial em Cabo Verde”, *Revista Direito e Cidadania (Edição Especial – Política Social e Cidadania)*, nº 30, pp. 169-190

Bourdieu, Pierre (2001 [1989]), *O poder simbólico*, 4ª Edição, Miraflores, DIFEL

Bourdieu, Pierre (2001 {1994}), *Razões práticas: sobre a teoria da acção*, 2ª Edição, Oeiras, Celta

Bourgois, Philippe (2001), *En quête de respect: le crack à New York*, Paris, Seuil

Carreira, António (1984 {1977}), *Cabo Verde: aspectos sociais, secas e fomes do século XX*, 2ª edição, Lisboa, Biblioteca Ulmeiro

Carvalho Ferreira, J.M. e outros (1995), *Sociologia*, Lisboa, McGraw Hill

Castel, Robert (2006), “Classes sociais, desigualdades sociais, exclusão social”, em Casimiro Balsa, Lindomar Wessler Boneti e Marc-Henry Soulet (org.), *Conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social: uma abordagem transnacional*, Ijuí e Lisboa, Editora Unijui e CEOS, pp. 63-77

Crozier, Michel e Erhard Friedberg (1977), *L'acteur et le système*, Paris, Seuil

Direcção Geral de planeamento (2004), *Objectivos do milénio para o desenvolvimento – relatório 2004 (Cabo Verde)*, Praia, Ministério das Finanças e do Planeamento

Cusson, Maurice (2007), *Criminologia*, 2ª Edição, Cruz Quebrada, Casa das Letras

Évora, José Silva (2009), *A Praia de 1850 a 1860: o porto, o comércio e a cidade*, Praia, IAHN

Fernandes, Gabriel (2006), *Em busca da Nação: notas para uma reinterpretação do Cabo Verde crioulo*, Florianópolis, Editora da UFSC

- Instituto Nacional de Estatística (2002), *Perfil de pobreza em Cabo Verde: inquérito às despesas e receitas familiares – 2001/2002*, Praia, INE
- Instituto Nacional de Estatística (2010), *Apresentação de dados preliminares do IVº Recenseamento Geral da População e Habitação 2010*, Praia, INE
- Innerarity, Daniel (2010), *O novo espaço público*, Lisboa, Editorial Teorema
- Lima, Redy Wilson (2010), “Thugs: vítimas e/ou agentes da violência?”, *Revista Direito e Cidadania (Edição Especial – Política Social e Cidadania)*, nº 30, pp. 191-220
- Mariano, Gabriel (1991), *Cultura caboverdeana: ensaios*, Lisboa, Veja
- Menezes, Marluci (2002), *Espaço: manutenção, mudança e representação na Madragoa*, Lisboa, LNEC
- Merton, Robert K. (1970), “Estrutura social e anomia: revisão e ampliações”, em Ruth Nanda Anshen (org.), *A família: sua função e destino*, Lisboa, Editora Meridiano
- Pina, Leão Domingos Jesus Lopes (2006), *Valores e democracia em Cabo Verde: entre adesão normal e embaraço cultural*, Dissertação de mestrado, Brasília, ICSUB
- Proença, Carlos Sangreman (2009), *A exclusão social em Cabo Verde: uma abordagem preliminar*, Lisboa, CEsa
- Raposo, Isabel e Cristina Salvador (2007), “Há diferença: ali é cidade, aqui é subúrbio. Urbanidade dos bairros, tipos e estratégias de habitação em Luanda e Maputo”, em Jochen Oppenheimer e Isabel Raposo (coord.), *Subúrbios de Luanda e Maputo*, Lisboa, Edições Colibri, pp. 105-138
- Rémy, Jean e Liliane Voyé (1994), *A cidade: rumo a uma nova definição?*, Porto, Edições Afrontamento
- Ribeiro, Luiz César de Queiroz e Orlando Alves dos Santos Junior (2005), “Democracia e cidade: divisão social da cidade e cidadania na sociedade brasileira”, *Análise Social*, volume XL (174), pp. 87-109
- Varela, Aquilino (2010), “A violência em cabo verde: entre a fantasmagoria da história, a desterritorialização das tensões sociais e novos agenciamentos”, Comunicação apresentada no *Colóquio Segurança e Violência em Cabo Verde*, Universidade de Santiago, 21-22 de Abril
- Ventura, Zuenir (1994), *Cidade Partida*, São Paulo, Companhia das letras
- Wacquant, Loic (2004), “Que é gueto? Construindo um conceito sociológico”, *Revista de Sociologia e Política*, nº 23, pp. 155-164

Xiberras, Martine (1993), *As teorias da exclusão: Para uma construção do imaginário do desvio*, Lisboa, Instituto Piaget